

GORO... ..

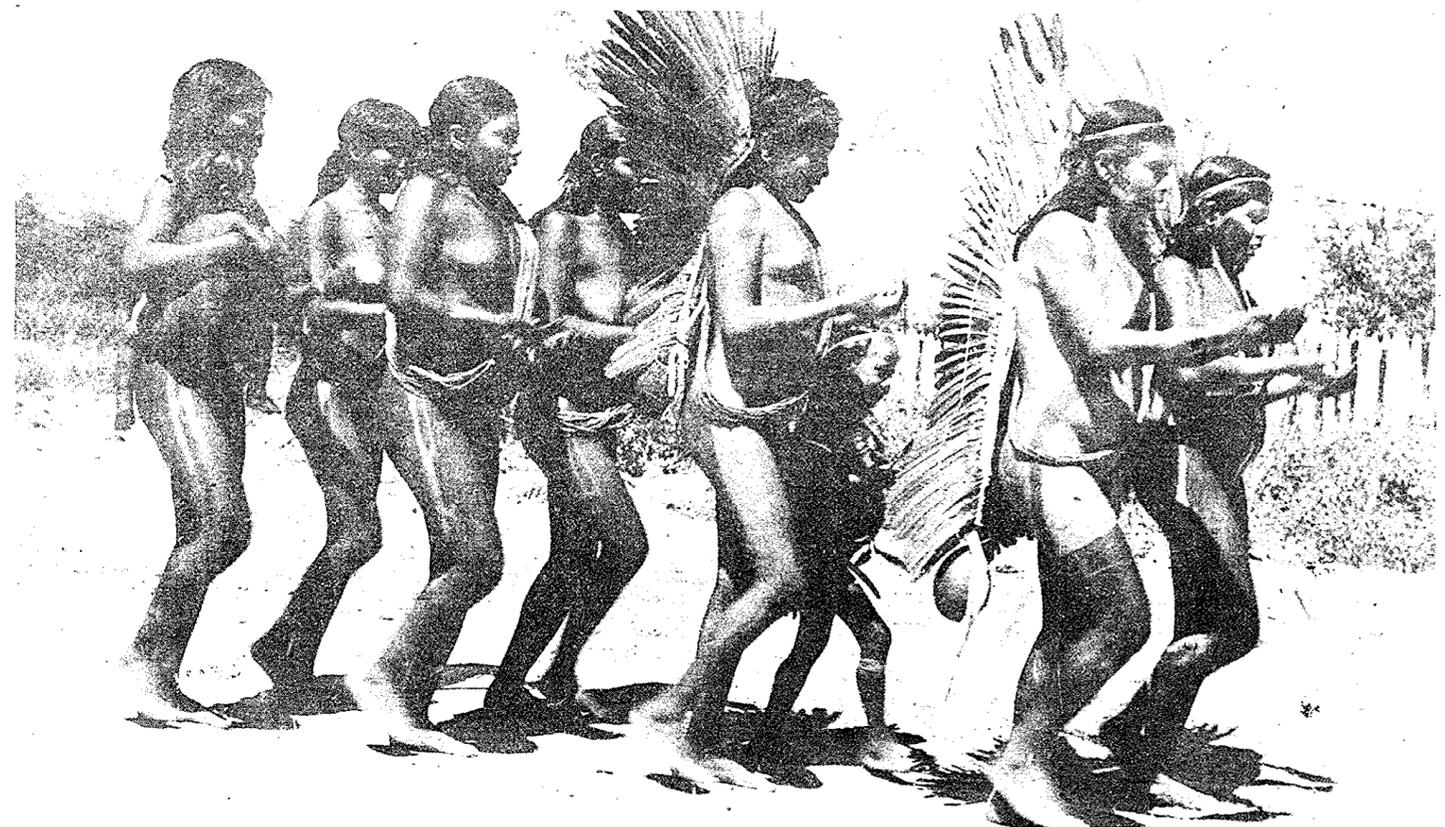
Journal

# Bep-Kororoti O Guerreiro do Espaço

Texto e Fotos de  
J. Américo Peret



Bep-Kororoti (foto 1952) índios Kaiapó.



Ritual que lembra Bep-Kororoti (Deus Astronauta)

O que se vai ler aqui aconteceu séculos antes de Erick Von Daniken pensar em escrever seu famoso Eram os Deuses Astronautas? E lenda Kaiapó, contada por Bep-Noy, o velho conselheiro Kuben-Kran-Kein, ao anoitecer, na aldeia Gorotire, às margens do rio Fresco, afluente do Xingú, no Pará.

O herói mítico, que povoa até hoje o universo mental da nação Kaiapó, é Bep-Kororoti, disciplinador social da comunidade. Terrível na luta, Bep-Kororoti reduz a escombros calcinados pedras, árvores e todas as coisas com a sua borduna trovejante. Depois desaparece nos céus entre fumaça e trovões.

O velho conselheiro Bep-Noy bem merece o título de Gway-Babá, o Sábio. Com emoção, aguardávamos sua fala naquele entardecer de 1952, à sombra acolhedora da ng-óbi (Casa dos Homens)... Como-damente instalados sobre esteiras, tendo ao lado alguns alimentos e água. Vimos surgir de entre as palhas de sua choça o emperdigado guerreiro, com a sua borduna Kop, que nos momentos apropriados daria mais ênfase às suas palavras, imitando os gestos do herói ao usar aquela arma desintegradora. E ele começou:

— Nasci em Pukatóti, nas cabeceiras do rio Iriri, e me criei na aldeia Tipó-Ti-Kre, (Casa da Andorinha), no Kraabore, (riozinho) no médio Pará, e hoje estou aqui na aldeia Gorotire. Por lá andaram recentemente Bemóro, que será meu substituto, Tikó, o guerreiro, Kanhonka, que será o novo Cacique, (atual cacique Gorotire) e finalmente Peret, (autor da reportagem) que é nosso irmão.

— Eles viajaram cinco meses até

Pukatóti e encontraram o Kente-Pri, (Caminho das Pedras) prova bem viva de que foi ali o berço da nação Kaiapó. Viram também o Men-Babá-Kent-Kre, Casa de Pedra feita por Deus, onde está gravada a figura de Bep-Kororoti, que lembra um astronauta.

— Nosso povo morava nas savanas, distante daquela região em se delineava a serra de Pukatóti, envolta numa bruma de mistérios nunca antes desvelados. Mut, o Sol, fatigado da longa caminhada diária, repousava no verde tapete de Bã, a floresta, enquanto Mem-Babá, o Criador de todas as coisas, envolvia Koy-Kwa, o céu, com o seu manto cheio de Kaneti-Kuni estrelas penduradas. Quando uma estrela cai, Memi-Keneti, o dono delas, percorre o céu para levá-las de volta ao seu lugar.

Aqui cabe uma observação: O Kaiapó ainda desconhece os satélites artificiais talvez como os célticos "civilizados", nunca chegaram a admiti-los. Porém é muito significativo que Memi-Keneti, o eterno guardião procurasse sempre suas estrelas caídas na região de Pukatóti.

Bep-Noy fumou clamantemente seu cachimbo, deu uma pitada e, com olhar vago, viajou para o passado:

— Um dia, vindo da serra proibida de Pukatóti, surgiu, pela primeira vez na aldeia, Bep-Kororoti, trajando Bó (roupa de palha que lembra o traje dos astronautas), cobrindo-o dos pés à cabeça. Trazia também Kop, a borduna trovejante (espada de dois gumes, grande e pesada). Os que ali o viram, correram para o mato, apavorados, protegendo as mulheres e crianças, enquanto alguns

guerreiros mais afoitos deram combate ao "invasor".

— Mas suas armas eram impotentes e viravam pó quando tocavam as vestes de Bep-Kororoti. O guerreiro do espaço achava graça e dava gargalhadas ante a fragilidade dos que o combatiam. Para mostrar seu poderio bélico, de vez em quando apontava sua borduna trovejante em direção de uma árvore ou pedra, destruindo-as totalmente. Parecia querer com isso, mostrar que não vinha em missão de guerra.

— A princípio, havia correrias e os bravos da aldeia ainda esboçavam uma resistência, mas com o tempo foram-se acostumando com a presença de Bep-Kororoti, que não os molestava. Um dia, ele apareceu sem aquela roupa espartilhada, trajava um macacão mais justo e tinha o corpo parcialmente exposto. Sua beleza, brancura e suave simpatia foram aos poucos fascinando e atraíndo todos, incutindo-lhes uma sensação de segurança e tranquilizante. E tornaram-se amigos.

— Bep-Kororoti divertia-se aprendendo a usar nossas armas e tornou-se um bom caçador, chegando mesmo a suplantar em coragem e destreza os melhores da aldeia. Nosso amigo não tardou a ser adotado como guerreiro e em breve foi escolhido por uma jovem, com quem se casou. O casal teve filhos homens, seus descendentes trazem hoje ainda o prenome de (BEP) e uma filha que se chamou de Nió-Pouti.

— Mais tarde, ele passou a ensinar coisas interessantes, como, por exemplo, a construção de uma ng-óbi, casa onde se reuniam diariamente os homens, para relatarem as façanhas do dia. Assim, os mais jovens aprendiam como agir e se comportar nos momentos mais difíceis. A casa era e é verdadeiramente nossa escola, onde Bep-Kororoti foi um autêntico mestre.

— Também era ali que se desenvolvia os trabalhos de artesanatos, aperfeiçoando as armas, tudo graças aos ensinamentos do guerreiro do espaço. Ele criou o Grande Conselho, para debates dos problemas da comunidade, e assim imprimiu melhor organização, facilitando o trabalho e a vida de todos.

— Vez por outra, os jovens mais rebeldes deixavam de frequentar a ng-óbi. Para obrigá-los ao retorno, Bep-Kororoti vestia sua Bó, roupa de segurança, e saía à procura dos garotos, fazendo-os correr para a "escola". Só ali teriam segura proteção.

— Quando a caçada tornava-se mais difícil, o herói usava sua borduna trovejante, mas de forma que não destruía o animal. Apenas o abatia.

— Como de praxe, o caçador tem direito à melhor parte da caça, mas Bep-Kororoti, que raramente comia os alimentos comuns da aldeia, limitava-se a levar o indispensável para sua família. Os companheiros as vezes discordavam com a partilha e ele mostrava-se constrangido.

— Com o passar dos anos, Bep-Kororoti sofreu uma transformação no seu comportamento: já não saía com os velhos companheiros, preferia permanecer em sua choça. Quando saía, escolhia sempre a direção da serra de Pukatóti, de onde viera. Um dia, não se controlou mais. A dor da saudade fizera morada em seu coração. Após uma caçada de anta, descontente com a divergência durante a partilha, deixou a aldeia. Reuniu a família, com exceção de Nió-Pouti, que se encontrava ausente, e lá se foi rumo a Pukatóti.

— Os dias se passaram, e certa vez Bep-Kororoti surgiu no terreno e deu seu brado de guerra, como a querer aplicar um corretivo nos insensatos. Seus mais próximos amigos, julgando-o enlouquecido, tentaram dominá-lo, e uma luta feroz se travou. Bep-Kororoti não usou suas "artrias", mas vibrações que ama-

navam do seu corpo derrubavam grupos inteiros de guerreiros, desacordados.

— A luta durou dias, pois o grupo era muito numeroso; os guerreiros se renovavam a cada minuto. Então, um fantástico acontecimento deixou todos mudos de espanto: Bep-Kororoti foi recuando até o sopé da serra de Pukatóti, e, com Kop a borduna trovejante, destruía tudo o que havia por perto. Árvores e pedras eram transformadas em pó, até que alcançou o alto da serra e, de repente, num estrondo violento que abalou toda a região subiu para o espaço, envolto em nuvens flamejantes, fumaça e trovões.

O velho conselheiro contava sua estória fazendo gestos dramáticos, assinalando com a sua borduna os lances mais fortes. Então, alguém perguntou:

— Que foi feito de Nió-Pouti?

O velho continuou sua narrativa:

— Nió-Pouti, a filha de Bep-Kororoti, ficou na aldeia, casando-se com um guerreiro. Até que veio seu primeiro filho, nada de anormal aconteceu. Mas a aldeia começou a passar dificuldades, a caça praticamente desaparecera. A tempestade provocada pela subida de Bep-Kororoti arrasara a mata, calcinando tudo em volta. Foi então que Nió-Pouti falou ao marido que sabia onde conseguir alimentos para todos. Mas com uma condição: teriam que ir até Pukatóti, a serra proibida.

Diante da insistência de Nió-Pouti, o marido decidiu acompanhá-la. E lá foram os dois para a região de Pukatóti. A mulher procurou, diante de Mem-babá-Kent-Kre uma árvore especial, instalando-se num dos seus galhos. Levava consigo seu filho de colo. Recomendou ao marido que não abandonasse o local, pois não demoraria, e pediu-lhe que envergasse um dos galhos, até que tocasse o chão. Quando o guerreiro executou o movimento, deu-se uma violenta explosão, e Nió-Pouti sumiu no espaço, levantando uma nuvem de pó e provocando fumaça, relâmpagos e trovões.

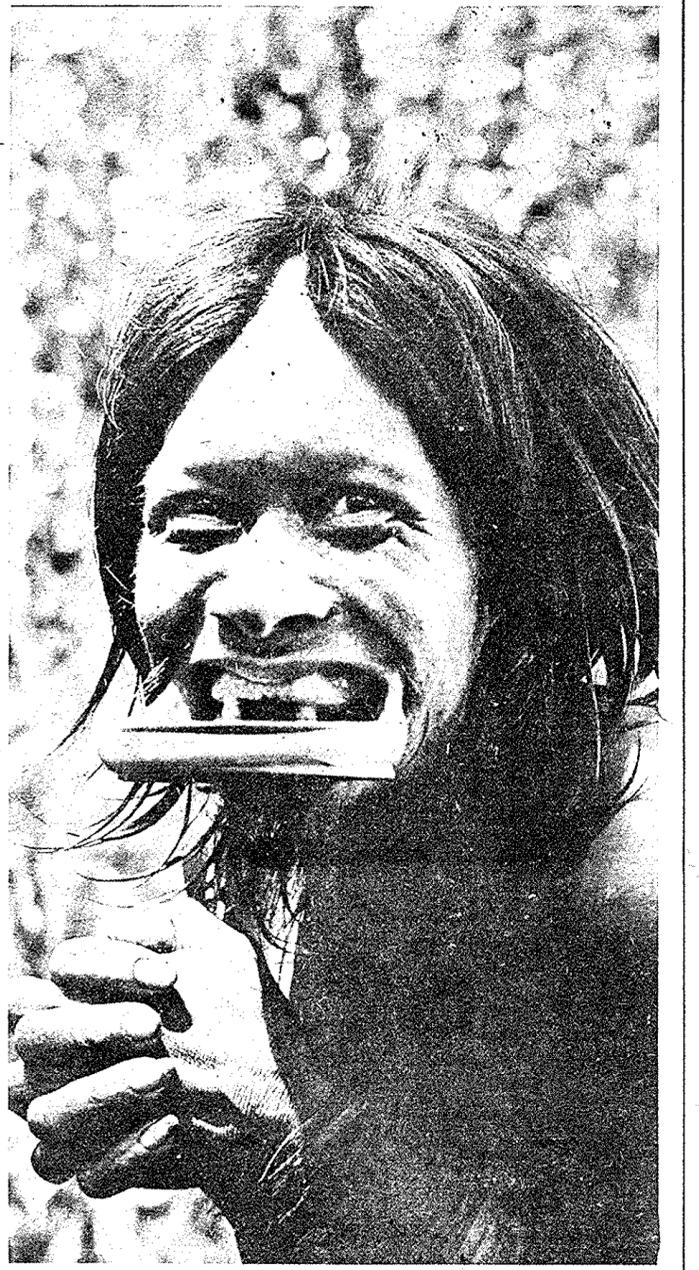
O marido esperou alguns dias e já estava desanimado quando, de repente, já quase morto de fome e exaustão, ouviu um ruído e viu que uma "árvore" maior reaparecera. Foi grande o seu espanto: sua mulher estava ali, diante dele, ao lado dos cunhados e a sogra, transportavam grandes cestos de alimentos completamente estranhos.

— Deram-lhe uma bebida também desconhecida e ele logo se recuperou. Depois de algum tempo, os parentes de sua mulher tomaram assento nos "galhos" da fantástica "árvore", e ela subiu depois de uma explosão, desaparecendo no espaço com seus ocupantes.

Nió-Pouti regressou à aldeia em companhia do marido e transmitiu a ordem de Bep-Kororoti: que se mudassem todos, imediatamente, para Puka-tóti, ali erguessem suas aldeias defronte de Mem-babá-Kent-Kre, local em que já haviam deixado os alimentos. Também mandou que guardassem as sementes de frutas e legumes, bem como mudas de verduras, para que na época das chuvas fossem plantadas. E assim surgiram as lavouras.

Bep-Noy concluiu sua narrativa:

— Nosso povo mudou-se para Pukatóti, onde durante muitos anos reinou a felicidade. As choças de nossas aldeias se multiplicavam até onde a vista quase não chegava. Foi lá, defronte a Pukatóti, que nasceram os pais de nossos pais. E até hoje estão presentes os sinais da passagem de Bep-Kororoti, vistos por Bemóro, Tikó, Kanhonka e Peret.



Conselheiro Bep-Noy-Kaiapó Pá



Bep-Noy e J. Américo Peret.